

MESTIÇAGEM NA ESCRITA ANZALDUANA: O ESFORÇO *QUEER* DE FRONTEIRA

Elvira Mejia Herrejón
(UFBA - Mestranda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Elvira Mejia Herrejón é mestranda em Língua e Cultura, Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA; Licenciada em Letras, Bacharel em Direito UCSAL, membro do grupo de Pesquisa Violência, Democracia, Controle Social e Cidadania coordenado por Márcia de Calazans. Membro do grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Saúde e Família, coordenado por Maria Isabel Lima UCSAL/CNPQ. E-mail: ravelimex@hotmail.com

RESUMO	ABSTRACT
Este artigo foca os processos identitários feitos amálgamas de gênero, classe, sexualidade e etnicidade na pessoa de Glória Anzaldúa quem, a partir da escrita autorreferencial intitulada: "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo" (2000) descreve a importância das narrativas de fronteira, evidenciando as esperanças e os desafios das escritoras periféricas que, na busca de espaço social, revelam suas vicissitudes e desafios, contestando e resistindo às estruturas opressivas do sistema colonizador. O uso de vários gêneros (ensaio, poesia e prosa) e diversos idiomas na obra anzalduana são formas híbridas da nova epistemologia que busca a superação do anonimato e da subalternidade das categorias afastadas do centro. Numa tessitura analítica da linguagem que, identifica o moralismo sexual e a rejeição das diferenças, a obra de Anzaldúa se identifica com a dimensão indisciplinar de Moita Lopes e outros teóricos para juntarem forças historicamente mantidas à margem. Com os pressupostos da obra anzalduana, da Linguística Aplicada e da Linguística <i>Queer</i> se analisa a construção de discursos hegemônicos e a dispersão nos processos identitários para incentivar o esforço agregador das multidões <i>queer</i> /não binárias.	This article focuses on the identity processes made up of amalgams of gender, class, sexuality and ethnicity in the person of Gloria Anzaldúa. From the self-referential writing entitled: "Speaking in tongues: a letter to women writers from the third world" (2000), she describes the importance of frontier narratives, evidencing the hopes and challenges of peripheral writers who, in the search for social space, reveal their vicissitudes and challenges, contesting and resisting the oppressive structures of the colonizing system. The use of various genres (essay, poetry and prose) and several languages in the Anzalduan work are hybrid forms of the new epistemology that seeks to overcome anonymity and the subordination of categories away from the center. In an analytical fabric of language that identifies sexual moralism and the rejection of differences, Anzaldúa's work identifies itself with the Indisciplinary dimension of Moita Lopes and other theorists to join forces historically kept at the margin. With the assumptions of the Anzalduan work, those of the Applied Linguistics and the <i>Queer</i> Linguistics there are analyzed the construction of hegemonic discourses and the dispersion in identity processes in order to encourage the aggregating effort of <i>queer</i> /non-binary crowds.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Mestiçagem Anzalduana; Processos Identitários; Multidões <i>Queer</i> ; Escrita de Fronteira.	Anzalduan Miscegenation; Identity Processes; <i>Queer</i> Crowds; Frontier Writing.

INTRODUÇÃO

Em este artigo se discutem os processos identitários feitos amálgamas de gênero, classe, sexualidade e etnicidade na pessoa de Glória Anzaldúa, quem, a partir da escrita autorreferencial intitulada: “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (2000) descreve a importância da narrativa autorreferencial vinda das margens.

O referido texto anzalduano é um diálogo entre artistas, irmãs/amigas que se identifica com a arte de escrever experiências de vida, evidenciando as esperanças e os desafios próprios das escritoras periféricas que, na busca de espaço social se defendem do sistema dominante e de outras mulheres, especialmente das brancas que exploram, se apropriam e manipulam o saber alheio.

Valoriza-se a narrativa em primeira pessoa por esta dar vazão ao descontentamento na descrição das vicissitudes de quem contesta e resiste às formas hegemônicas de produção de saberes hetero opressivas e paralisantes do sistema colonizador que, longe de superar, camufla e fortalece as relações assimétricas de poder sob a proteção institucional de proporções gigantescas.

Observa-se que o uso de vários gêneros (ensaio, poesia e prosa) e de diversos idiomas, entre os quais o inglês, espanhol e náuatle (língua falada pelos astecas) se constituem na obra anzalduana em um hibridismo de representação que valoriza o potencial das mulheres em situações de fronteira e migração, encorajando-as a sair do isolamento e da subalternidade.

O contato com a obra anzalduana e com os teóricos que a ela fazem referência evidencia o aspecto indisciplinar também presente na essência da Linguística Aplicada (doravante LA) e da Linguística *Queer* (doravante LQ), as quais se caracterizam pelo engajamento no processo de desnaturalização das sexualidades não binárias, na desconstrução dos discursos hegemônicos e na validação do potencial epistemológico de origem periférica, mormente mantida à margem.

Objetiva-se ressaltar que, independentemente de os contextos em que se encontrem as escritoras negras, indígenas ou periféricas, elas mostram ter capacidade para lidar com os muitos afazeres e pressões inerentes aos vários desdobramentos em que estão imersas como produtoras de textos nos quais, como parteiras das diversidades identitárias, há lugar para todes.

Evidencia-se a valiosa contribuição de Anzaldúa na compreensão do que seja *queer*, um termo outrora usado para depreciar pessoas não hétero que os estudos *queer* e as linguísticas indisciplinadas retomam, traduzindo-o no esforço unificador das multidões abjetas que não aceitam classificações hierárquicas que, ao invés de ajudar, prejudicam quaisquer processos de evolução.

O marco teórico confirma o ditado popular sobre os melhores perfumes se apresentarem em frascos pequenos; menos de doze páginas revelam a linha indisciplinar e crítica de Anzaldúa que,

em total sintonia com teóricos como Derrida, Silva, Rich e com linguistas do peso de Moita Lopes, Melo e Borba questionam o sistema reprodutor de discursos predominantemente heterocentrado.

1 DESESSENCIALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES

A fronteira entre o México e os Estados Unidos de Norte-América não é só um limite geográfico, demarcado pelo Rio grande que separa os dois estados, é um divisor de águas, um lugar de misturas e confluências, tradições variadas, línguas e etnias vindas de todas as partes do mundo que tornam possível a existência de um não-lugar.

O não-lugar, termo cunhado por Marc Augé (1992), difere dos espaços de possibilidade identitária, relacional e histórica que garantem a partilha, a residência e a iteração entre seus membros. O não lugar não é identitário nem seguro, pelo contrário, é transitório, impuro, ilegal e aberto à clandestinidade de quem está de passagem, em transição ou situação de fronteira.

Anzaldúa sabe que morar na fronteira é estar nas margens da sociedade, ela entende que o fronteiriço sofre rejeição do norte-americano pela cor da pele, por não falar inglês, por estar ilegal e desempregado, mas também é rejeitado pelo México, país de origem por ser indígena, preto, pobre e periférico que, na instabilidade, se codifica na categoria de subalterno em *Borderlands*.

A noção de espaço físico estabelece a palavra *Border* como uma 'linha divisória' e a palavra *Borderlands* como 'um lugar vago e não determinado' e ambas contribuem para a compreensão da realidade dos migrantes e mestiços. No geral, são essas duas interpretações que constituem o 'espaço cultural'. Além dessa postura de Anzaldúa, é importante ressaltar que a visão do estado, que considera a fronteira como os limites, atua como força diretamente antagonista à ideia de *Borderlands*. (SILVA, 2017, p. 84).

O não lugar do subalterno tem, entre outras características, a invisibilidade, o silenciamento, a indiferença social e um rigoroso panóptico de vigilância e punição, prestes a fazer pagar caro por quaisquer desvios ou ilegalidades que venham a ser cometidos. Mesmo afastado do centro de poder, o indivíduo periférico passa pelo rigor moral da pretensa normalidade que a todos atinge, coíbe e limita, mas é para abalar e desconstruir toda certeza aparentemente sólida que:

o *queer* pretende nos tirar do eixo, pois mostra que as identidades não são portos tão seguros como pensávamos. Nesse sentido, uma perspectiva *queer* desorienta. Implícita na etimologia do termo, a desorientação provocada pela abordagem *queer* nos obriga a desconfiar daquilo que, à primeira vista, parece normal e a questionar os processos (culturais, políticos, legais, metodológicos, epistemológicos) que produzem essa fachada de normalidade. (LAU; BORBA, 2019, p. 12).

A experiência individual e coletiva mostra que por mais que tentemos fugir dos condicionamentos, dificilmente nos livraremos completamente deles, pelo contrário, somos vítimas e também reprodutoras do grande sofrimento que eles provocam e só em situações raras essas

situações se tornam combustível para a superação de mecanismos de controle ou para criar condições que reduzam os danos das relações assimétricas que o discurso constrói e fortalece.

O discurso que se repete ao infinito é responsável pela perpetuação de vínculos e papéis geradores de sofrimento como a instituição do chefe-família e o dever de fidelidade (monogamia) para a mulher, tudo isso não passa de “uma moral de covardes dementes da vida e de impotentes incapazes de conseguir pela força natural do amor aquilo que pretendem conseguir por intermédio da polícia e do direito conjugal”. (REICH, 1982, p. 33).

Condicionamentos socioculturais como os acima referidos em relação à família resultam de repetições discursivas que os tornam verdades inquestionáveis, pois conforme Melo e Moita Lopes (2014, p. 654): “o sujeito social é constituído pela linguagem, pela História e também por meio da intersecção de vários traços performativos como raça, gênero, classe social, escolaridade e outros” (MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 654). Os mesmos autores afirmam que:

Os atos de fala como performativos produzem efeitos semânticos que nos fazem homens, negros etc. Eles são incessantemente repetidos pelos atores com os quais convivemos e pela escola, igreja, família, mídia e outras instituições. Pela iterabilidade, tais efeitos são compreendidos como essência e, como tais, são entendidos como preexistindo ao discurso, sendo então cristalizados nos corpos. (MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 655).

Discursos constroem crenças, alimentam expectativas e respondem pelos preconceitos em relação às questões étnico-raciais, linguísticas, de classe, gênero e sexo pelo que a maior preocupação analítica da LA e da LQ é investigar a forma como se utiliza a linguagem na sustentação da heteronormatividade hegemônica nas relações de poder.

As crenças e verdades que se constroem discursivamente têm a ver com o processo identitário de tendência classificatória e hierarquizante que o estudo das relações existentes entre língua, gênero e sexualidades pode desvendar. Entender a maneira como se criam os não lugares que impossibilitam a emergência das subjetividades começa pela análise das:

dinâmicas de manutenção e/ou contestação de normatividades (linguísticas e sociais) a partir de um posicionamento político que desessencializa identidades e desontologiza a língua, problematizando, assim, a relação supostamente sólida entre aquilo que falamos/escrevemos e aquilo que somos. (LAU; BORBA, 2019, p. 13).

Por algum motivo, no que se refere às questões sexuais, constata-se a, quase generalizada, existência de um conflito entre o impulso natural e o limite que a visão moralista impõe sobre o comportamento e vida privada das pessoas. Isso acontece pelo abismo que se cria entre o eu e o mundo exterior pelo que instintivamente o organismo psíquico fica obrigado a:

armar-se tanto contra o impulso quanto contra o mundo exterior, a tornar-se “frio”. Essa *armadura* do organismo pressupõe uma restrição mais ou menos ampla de toda a capacidade e atividade vital. Não é demais acentuar que a maioria dos indivíduos sofre sob essa armadura rígida; entre eles e a vida encontra-se um muro. (REICH, 1982, p. 20).

Tendências a vigiar, normatizar e punir os corpos não é uma novidade ou invenção da sociedade atual, elas fazem presentes espacial e temporalmente nos mais variados ambientes através de inúmeros meios de manipulação, especialmente os da linguagem, constituindo talvez a base mais expressiva do isolamento de tantas pessoas em meio à vida coletiva. O fato é que essa forma de lidar com a diversidade gera dor, tristeza e sangramento, todavia, como alerta Silva:

Deixar sangrar é validar as misturas multiculturais, o bilinguismo e o *entre* cultural, é perpetuar a multiplicidade do Ser. A imagem da fronteira como ferida aberta diz sobre a impossibilidade de camuflar, suavizar, homogeneizar, disfarçar, aliás, essa ferida aberta é como a pele negra, todas as tentativas de escondê-la são vãs. (SILVA, 2017, p. 92).

Grande causador do sofrimento humano é o moralismo sexual que se constrói de forma gradativa no seio da família, no ambiente escolar, eclesiástico e social como um todo, torna-se um vilão muito poderoso que intimida mulheres e pessoas não hetero, ainda que os seus argumentos não sejam os mais convincentes e hoje não tenham o peso de outros tempos.

O fato é que nós “não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas” (ANZALDÚA, 2000, p. 235), pois nos incomoda muito o fato de ver esse moralismo sexual se aproveitar da boa-fé das pessoas para se perpetuar no poder, usando máscaras de fidelidade a princípios que está longe de conhecer quanto mais de seguir.

Os homens hetero moralistas que comandam o mundo neoliberal capitalista tendem a ser os mais conservadores e hipócritas. Não escondem que, pelas escolhas feitas, eles já perderam a potência de vida, “querem enfiar toda a humanidade na sua própria camisa-de-força por serem incapazes de tolerar nos outros a sexualidade natural. Isso os aborrece e os enche de inveja, porque eles próprios gostariam de viver assim e não conseguem”. (REICH, 1982, p. 33).

O espírito moralista masculino prevalece na forma de pensar família e no modo de querer governar no mundo, é uma dupla moral que gera um sofrimento infinitamente superior nas mulheres e na população LGBTQ+ do que nos cidadãos cishetero a quem tudo é dado sem grandes dificuldades, inclusive o direito à propriedade e ao comando da prole, mantendo para si, sob juramento de fidelidade conjugal, a mulher que, diga-se de passagem, é vista como objeto, mas:

ninguém, em seu juízo perfeito, falará de amor quando um homem possui uma mulher de pés e mãos amarradas e indefesa. Nenhum homem decente ficará orgulhoso com o amor de uma mulher que ele compra com alimentação ou influência de poder. Nenhum homem correto tomará um amor que não for dado voluntariamente. (REICH, 1982, p. 33).

Relações baseadas na moral patriarcal eurocêntrica são responsáveis pela dupla moral e pelo modelo falido de família, verticalmente imposto e perpetuado até hoje, ainda que não tenha dado certo e que, para manter as aparências, deva abafar frequentes escândalos sexuais. E não é que nós, fãs da *queerilidade*, queiramos que todo mundo abandone a família, mas também:

não queremos permitir a ninguém que obrigue aquele que não a quer a aceitá-la. Quem pode e quer passar toda a vida como monógamo, que o faça; quem, entretanto, não o pode

e talvez se arruíne por causa disso, deve ter a possibilidade de organizar a sua vida de outra forma. (REICH, 1982, p. 33).

O hetero deve parar com a mania de fiscalizar a vida alheia e como obrigatoriedade de fazer papel de bom moço enquanto às escondidas come a filha do irmão, da vizinha ou da tia de maior confiança. Urge um basta à cisheteronormatividade que se dá ao luxo de colocar no paredão as pessoas não binárias enquanto ela se vive protegida na trincheira monogâmica de fachada, impunemente perpetrando os crimes que a família, igreja, escola etc., detestam, mas encobertam.

Prejudicial para todo mundo, mas especialmente para a mulher, é a obrigatória convivência em família onde a ambiguidade, o crime, a hipocrisia, o silêncio e a contradição se tornam lugar comum e perigoso desde a infância até estágios mais avançados de desenvolvimento pela impossibilidade de superação da toxicidade que permeia as relações já viciadas.

Pessoas vulnerabilizadas pelo machismo tóxico não podem dizer que tem um lar que as protege, vivem em estado constante de insegurança e vigília até quando em aparência a casa é um lugar seguro. Assustador é saber que qualquer varão pode aderir à cultura do estupro por contar com o silêncio da vítima e a omissão geral em relação à denúncia e punição desse crime.

2 PUGNA E EMANCIPAÇÃO SEXUAL

É incalculável o desgaste que a mulher sofre nas relações internas à estrutura familiar e a energia que investe na administração de conflitos inerentes ao ambiente escolar e laboral. Por algum motivo e de alguma forma a mulher aprende a tirar forças da fragilidade, ela se especializa na arte de resistir e resinificar a vida a partir da escrevivência, pois como afirma Anzaldúa:

Faz total sentido para mim minha resistência ao ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas. (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Em geral a mulher se desdobra em milhões de partes para dar conta das muitas tarefas que lhe são colocadas. E quanto mais escura for a sua cor de pele, maiores serão os desdobramentos porque maiores serão as exigências e mais acentuadas as assimetrias e a falta de oportunidades para ela. Esse quadro assimétrico de oportunidades que acontece em nível macro se reproduz em nível micro, inclusive em grupos só de mulheres em que umas exploram as outras.

Não faltam exemplos sobre as relações assimétricas entre mulheres, tal é o caso de “Nellie Wong, escritora feminista asiático-americana, que foi chamada pelas mulheres brancas para fornecer uma lista de asiático-americanas que pudessem dar conferências e *workshops*. Estamos

em perigo de nos reduzir a fornecedoras de listas de recursos” (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

A mulher menos privilegiada perde para todos, inclusive para outras mulheres e devido ao mundo androcêntrico e às exigências que esse sistema lhe coloca, ela se especializa em manter a “pele sensível o suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém” (ANZALDÚA, 2000, p. 235). Sempre que pode ela se associa com outras mulheres, mas aprende a tirar proveito do estar só para ganhar espaço e poder. Como afirma a mestiça:

A solidão do escrever e a sensação de falta de poder dissipam-se. Podemos caminhar juntas falando do que escrevemos, lendo uma para outra. Quando estou sozinha, mesmo junto às outras, a escrita me possui cada vez mais e me faz saltar para um lugar sem tempo e espaço, não-lugar, onde me esqueço de mim e sinto ser o universo. *Isto é o poder.* (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

O acúmulo de experiências de abuso pode gerar raiva, ressentimento e revolta, energia que desemboca em desejos de vingança e em outras reações nem sempre conscientes ou fáceis de administrar, mas todas essas emoções podem se dissipar na escrita autorreferencial que vincula e fortalece tanto remetentes como destinatárias em termos afetuosos como os seguintes:

Queridas mulheres de cor, companheiras no escrever. Sento-me aqui, nua ao sol, máquina de escrever sobre as pernas, procurando imaginá-las. Mulher negra, junto a uma escrivainha no quinto andar de algum prédio em Nova Iorque. Sentada em uma varanda, no sul do Texas, uma chicana abana os mosquitos e o ar quente, tentando reacender as chamas latentes da escrita. Mulher índia, caminhando para a escola ou trabalho, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita em sua vida. Asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por crianças, amante ou ex-marido, e a escrita. (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Ao trazer a própria situação e condição humana (feminista, lésbica e escritora de origem indígena) Glória consegue definir o espírito combativo da mulher *queer* que faz da escrevivência autorreferencial um estilo de vida e possibilidade epistemológica. Ela recorre a um fac-símile muito criativo e dinâmico, o tigre, que em toda sua extensão representa e define a força, bravura, determinação, coragem e ternura da militância ou engajamento sócio-político.

O fac-símile da tigresa remete ao que se espera de toda mulher, um natural instinto de luta e proteção em prol dos filhotes, mas o que a mulher periférica, negra, índia e não binária precisa assimilar desse totem de proteção é a agilidade ou rapidez para fugir das ilusões e fantasias sobre igualdade de oportunidades que a sociedade falocêntrica simula haver, pois sabemos o quanto é:

improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A *lésbica* de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos. (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

A escritora Anzaldúa, enquanto indígena mexicana migrante nos EUA vive simultaneamente três diferentes realidades culturais, se comunicar em três idiomas - espanhol inglês e nauatle, como pertencimentos por ela reconhecidos e valorizados, mas sempre ciente de serem hierarquizados.

os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Experiente na assimilação de junções corporificadas, Anzaldúa soube combinar sexualidade, gênero, etnia e classe de forma natural e espontânea no seu trabalho que serve de inspiração para reflexões que envolvem a situação de fronteira e a mestiçagem. A chicana interpela a branquitude não só como fenótipo de características físicas observáveis, mas como símbolo de superioridade cultural que, sempre que pode, ela coloca em cheque com questionamentos como o seguinte:

Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que *somos* monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós: A negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios, a chinesa de olhos puxados e mão hábil — “Elas sabem como tratar um homem na cama” —, a chicana ou a índia de cara achatada, passivamente deitada de costas, sendo comida pelo homem *a la Chingada*. (ANZALDÚA, 2000, pp. 229-230).

O que seria ser comida por alguém ou dar para alguém *à la chingada*? A expressão mexicana “*a la chingada*” tem uma conotação negativa, manda-se *a la chingada* tudo e todos que incomodam com sua presença ou atitudes. Como verbo infinitivo *chingar* significa ter relações sexuais forçadas e no texto de Anzaldúa *a la chingada* envolve ironia, birra e vingança.

Ainda que não pareça, é acentuada a ironia e o sarcasmo em: “Elas sabem como tratar um homem na cama”, Anzaldúa não está elogiando o desempenho sexual das meninas que se deitam com o homem branco. O uso das aspas coloca em destaque a esperteza das mulheres não branca às quais é atribuída a fama de gostosas. Por capricho e desdém elas decidem se mostrar avessas ao que se espera delas, mantem-se passivas, indiferentes e deitadas de costas no ato sexual forçado.

O que Gloria está dizendo é que as neguinhas, mestiças e índias não estão dispostas a ser mercadoria, não estão nem aí para o homem branco, elas não são condescendentes com ele, não buscam agradá-lo, pelo contrário, fazem de tudo para que ele se frustrasse na busca de prazer, mantendo-se inertes enquanto o cara as come, pois então que ele vá *à la chingada*, ou seja, que *se chingue*, goze sozinho sem esperar que ela (objeto sexual) colabore.

Determinada e dona de si a chicana ou índia de cara achatada reivindica seu direito de decidir sobre seu corpo ao apagar quaisquer vestígios de envolvimento com alguém que não a considera como ser humano com dignidade e vontade própria. “A mulher do terceiro mundo se revolta: *Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco*”. (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

O posicionamento e as intenções de não participação ativa da mulher periférica em relação ao macho branco que a possui pela força resultam do acúmulo de abusos, aos quais ela quer

colocar um ponto final que Anzaldúa reveste de uma assertividade intocável nos seguintes termos:

Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificais e bodes expiatórios. (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

Observa-se, até então, que Anzaldúa traz a tônica da militância feminista da década de 1980, que não destoa dos desdobramentos da mesma nos dias atuais, “revelando o reconhecimento de que o campo social está intersectado por várias camadas de subordinação que não podem ser reduzidas unicamente à questão de gênero”. (LIMA; ÀVILA, 2005, p. 692).

Anzaldúa tenta articular e criar uma teoria de existência digna nas fronteiras para que não falte dignidade nem acolhida para a diversidade étnica racial, sexual e de classe, um espaço em que as multidões *queer* fiquem à vontade, possam ser quem elas são, possam crescer em paz e se multiplicarem sem a preocupação de alguém estar à espreita para prejudicá-las.

3 DIFERENÇA VERSUS POTÊNCIA NA ESCRITA AUTORREFERENCIAL

A escrita, independente das várias vertentes ideológicas, filosóficas ou acadêmicas e dos interesses que a envolvem, é um processo libertador ou pelo menos se espera que contribua para essa finalidade. Nesse sentido Anzaldúa assume um estilo próprio, um pioneirismo de escrita autorreferencial que é o pivô da produção de fronteira.

Gloria enxerga um perigo na escrita que se afasta da realidade e que não consegue fundir a experiência pessoal e visão social, econômica e política com as percepções e intuições internas, narrativas sobre a história e trajetória pessoal, incluindo as preocupações de ordem prática, pois:

O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja conosco ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

Gloria convida as amigas escritoras a serem pé no chão, realistas na produção de conhecimento, utilizando o dia a dia com todas as trivialidades como matéria prima. A chicana vê a cotidianidade como força transformadora, pois entende que “o tigre que carregamos nas costas (a escrita) nunca nos deixa só” (ANZALDÚA, 2000, p. 234), essa figura totêmica não desampara nem desaponta. É inspiração protetora para quem por experiência própria aprendeu e entende que:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa

sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (LIMA; ÁVILA, 2005, p. 692).

Escritoras “somos vampiros sugando o sangue de uma nova experiência; que estamos sugando o sangue vital para alimentar a caneta” (ANZALDÚA, 2000, p. 234) que, por sua vez, constrói a narrativa autorreferencial que tem o poder de salvar do anonimato e da complacência que amedronta e paralisa, ademais de ajudar a manter viva a chama da criatividade.

O que a escrita autorreferencial, sugerida por Anzaldúa, possibilita é altamente gratificante porque nos tira da inércia e do pessimismo para um engajamento sério na construção de mundos possíveis, recuperando versões apagadas pela sociedade apática e preconceituosa, na verdade:

o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

A escrita autorreferencial, impregnada de uma leitura crítica da realidade socioeconômica, é uma ferramenta valiosa para navegar no oceano do machismo estrutural, serve de bússola na compreensão do modo como se faz ciência e se transforma ato emancipatório que busca juntar as forças e vozes dispersas nos diversos não lugares. Gloria diz com todas as letras:

Escrevo para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Para as mulheres em geral e para as fronteiriças ou periféricas em particular, criar valor e coragem para contestar o sistema que humilha, diminui e desacredita a mulher, em praticamente, todos os âmbitos sociais, não é escolha e sim obrigação. Daí o peso do seguinte convite:

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Não deixa de emocionar a veemência de Anzaldúa em relação ao ativismo feito da escrita criativa e corajosa das mulheres colocadas à margem, para quem ela dá sábios conselhos sobre a forma como hão de se comportar em situações de desânimo, manipulação e censura. Na expressão “ponham suas tripas no papel” há um apelo para o aproveitamento de quaisquer situações, inclusive as mais desagradáveis na produção de texto.

Gloria é favorável ao ativismo e traz novos nomes, atitudes, papeis e missões possíveis para

a mulher que produz textos, ao insistir para que a mulher escreva com os olhos de pintora, com os ouvidos de música e com os pés de dançarina, com penas e tochas de profetisa, mas também com as línguas de fogo que imprimam paixão no texto nem que para isso tenham de pôr as vísceras no papel, Gloria a quer no protagonismo, no palco e não nos porões sociais.

Está para nascer convite mais explícito para alguém se engajar na mudança de paradigmas. A originalidade diante da qual estamos é de uma força vulcânica que abre caminhos e coloca suas interlocutoras frente a inúmeras possibilidades, mostrando que a vida muda só na medida em que ousamos nos colocar dentro como atoras para alcançar o inimaginável e surpreendente.

Os estudos de gênero, os ativismos feministas, a produção *queer* e as ações LGBT são alguns dos exemplos que mostram o valor de iniciativas como a de Anzaldúa no favorecimento da visibilidade, do reconhecimento e inserção social das sexualidades não binárias. E ainda que alguns setores sociais demorem em assimilar a importância dessas iniciativas, elas já estão dando frutos.

Há uma *queerilidade* não contida no estilo anzalduano, uma espontaneidade e fluência no modo de se posicionar e dizer as coisas; há esquisitice na proposta dela sobre as insignificâncias da vida cotidiana que devem ser trazidas para ganharem contornos de formalidade na produção escrita e também há viadagem no novo significado do não-lugar que congrega multidões *queer*.

O *queer*, que não passava de um insulto inglês, assume proporções do tamanho da ambiciosa missão da LQ que consiste na arcoirização de tudo quanto se apresenta sério e cinzento demais sob o pincel que o sistema heterossexual continua a segurar com unhas e dentes.

Na mesma linha de pensamento anzalduana, o projeto de arcoirizar as diversas instituições e sociedades é “um posicionamento teórico (e, portanto, político) que se coloca contra processos de normalização e as exclusões que os acompanham”. (LAU; BORBA, 2019, p. 10). Essa tarefa já está em andamento em nível micro e macro dentro e fora do Brasil, tanto la consistente produção teórica como nas várias iniciativas locais que não passam despercebidas para a mídia.

A *queerização* contesta todo tipo de cristalização sobre gênero e sexualidade, enfatizando que não decorrem “natural e incontestavelmente de nosso aparato genital, mas sim de regras histórica e discursivamente produzidas que instituem como o corpo-sexuado deve ser generificado com base em uma heterossexualidade compulsória”. (BORBA, 2014, p. 446).

Embora sejam grandes as barreiras na deslegitimação de discursos de perpetuação heteronormativa é necessário continuar trabalhando para desfazer normas de inteligibilidade que se constituem em “um alargamento dos esquemas sociais e culturais pelos quais certos corpos são reconhecidos como humanos”. (BORBA, 2014, p. 447).

Apesar de não faltarem exemplos de homofobia e discriminação, também reconhecemos o

aumento nas contribuições teóricas que “percorrem o curso aberto por Anzaldúa, examinando e polemizando as questões sobre diferença: diferença sexual para além das formulações dicotômicas, diferença racial, diferença étnica, diferença pós-colonial”. (LIMA; ÁVILA, 2005, p. 692).

Até pouco tempo se justificava uma série de separações teóricas, achando impossível ir além das tradicionais formas de definir sexualidade, gênero e identidade, separações que favoreciam a classificação hierárquica das subjetividades e adiavam a valorização da diversidade, mas, como estamos aprendendo, a diferença não se deixa fechar.

Em efeito, a diferença não é para ser rejeitada, mantida no armário ou à margem, a diferença se abre à otobiografia (a esse Qualquer) que nos possibilita a criação do espaço liso em que se dá um jogo que vem a contestar o fechamento e a totalização. Nas palavras de Derrida:

Se então a totalização não tem sentido, não é porque a infinitude de um campo não pode ser coberta por um olhar ou um discurso finito, mas porque a natureza do campo – a saber, a linguagem e uma linguagem finita – excluem a totalização: este campo é, com efeito, o de um jogo, isto é, o de substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito. (DERRIDA, 1971, p. 244).

O uso separado dos termos sexualidade, gênero e identidade étnica racial contribuíram para reforçar classificações indesejadas e gerou a necessidade de superar essa separação para, na junção, afastar os polos de oposição cientificamente legitimados. O fato é que sempre “estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas às outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais”. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Anzaldúa sabe que a separação taxativa de áreas de estudo e gêneros literários mostra o engessamento e a ditadura central acadêmica que determina e limita os caminhos da produção. Com o seu pensamento de fronteira ela procura ir além do feminismo da diferença, pautado nos anos de 1980. Ela deixa claro para as colegas escritoras e para quem quiser ouvir que:

Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de escrita orgânica. Um poema funciona para mim não quando diz o que eu quero que diga, nem quando evoca o que eu quero que evoque (...). Ele funciona quando me surpreende, quando me diz algo que reprimi ou fingi não saber. O significado e o valor da minha escrita são medidos pela maneira como me coloco no texto e pelo nível de nudez revelada. (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Seguindo a própria intuição e respaldada pela rica experiência pessoal, a fronteira assume uma atitude até então desconhecida no campo da produção feminista. Anzaldúa exprime o seu discurso analítico e o senso crítico na escrita com fatos autobiográficos reais ou de ficção que entretencem sua narrativa em diferentes idiomas e dialetos.

O desejo de abraçar em um só ato de comunhão todas as diferenças possíveis, responde a uma visão e experiência cósmica de seres evoluídos que propõem a mestiçagem ou mistura como

estilo de vida nos seguintes termos: “sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados”. (ANZALDÚA, 1987, p. 80-81).

A vivência de fronteira em Anzaldúa é uma experiência de comunhão e não de isolamento, é um estado de integração e não de repulsão das diferenças, é mistura totalmente incorporada e de tal forma incrustadas nas pessoas livres de preconceitos que elas só conseguem se exprimir através dessa mestiçagem sem necessariamente abdicarem da própria originalidade e das suas convicções, pois o ato de escrever é, acima de tudo, um ato de criar e recriar a alma, é alquimia:

É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Esse aspecto aparece de maneira muito nítida nas palavras da mestiça que diz: “Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, devem-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (ANZALDÚA, 2000, p. 235)

Percebe-se no acima dito a intensidade própria de seres mais avançados em termos de reciprocidade e respeito às diferenças que rompem barreiras de todo tipo, se comunicam de forma tão lúcida, natural e simples que não deixam lugar para a dúvida sobre esse desapego dever ser o estilo de vida mais urgente, mais sadio, criativo e conveniente para a humanidade.

Temos assim que a proposta da nova mestiça de Anzaldúa se apresenta “com sua consciência polivalente e por meio de uma prática performática textual transversiva, ocupa, em constante sobreposição e deslocamento, os interstícios dos vários vetores da diferença resultantes dos desequilíbrios históricos e das exclusões múltiplas”. (LIMA; ÁVILA, 2005, p. 693).

E tendo dado conta do recado, a despedida de Gloria não poderia ter sido mais contundente e inspiradora. Ela se dirige às amigas e confidentes dizendo: “Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos. Com amor, Gloria”. (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Autenticidade, coragem, generosidade e grandeza de espírito é o que sugere a mestiça que se despede com amor, pois com amor escreveu, viveu e se relacionou quem sobre ser aberta às várias correntes de pensamento que lhe permitissem entender e transformar sonhos em realidades em uma sociedade ambivalente, contraditória e cheia de contrastes como o foi a dos anos 80.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos a importância da narrativa negra, mestiça, índia, periférica, lésbica (não binária) em primeira pessoa, não só como descrição das vicissitudes de quem contesta e resiste às estruturas hetero opressivas e paralisantes do sistema patriarcal que camufla, defende e fortalece as relações assimétricas de poder, mas para contribuir com a revisão dos discursos hegemônicos.

Foi mencionado o uso da variação de gêneros como ensaio, poesia e prosa no texto de Anzaldúa, assim como o uso de várias línguas em um único texto na construção concreta da diversidade identitária da mulher lésbica chicana e ativista que se coloca como exemplo de hibridismo cultural, de intervenção política e transposição de fronteiras.

Abordamos a relação entre linguagem e construção identitária, trazendo o incentivo à produção escrita de caráter autorreferencial de Anzaldúa como um universo de possibilidades a ser explorado e do qual podem se tirar constelações que puxam outras constelações na construção de mundos possíveis pelo ato de criar e recriar a pessoa em nível individual e coletivo.

Enfatizamos que o gênero não decorre natural e incontestavelmente de nosso aparato genital, mas sim de regras que foram produzidas discursivamente ao longo da história para controlar o corpo-sexuado com base em uma heterossexualidade compulsória, o que nos deve impulsionar a rever e superar essas normas pela desconstrução desses discursos.

Mesmo sem o termo moralismo sexual estar presente no texto de Anzaldúa vimos que ela se posiciona de forma crítica e questionadora diante das inconsistências do patriarca que ao mesmo tempo em que defende um determinado tipo de família explora e humilha a mulher fronteiriça (não branca) e os corpos não binários ao os tratar como subordinados.

Ressaltamos que a vivência de fronteira é comunhão e não isolamento, um estado de integração e não de repulsão das diferenças, uma mistura totalmente introjetada e de tal forma corporificada nas pessoas livres de preconceitos que só conseguem se exprimir através dela sem necessariamente abdicarem da própria originalidade e das suas convicções.

Foi colocada em destaque a importância das escritoras de fronteira que, além de lidar com os muitos afazeres e pressões inerentes aos vários desdobramentos em que estão imersas, são produtoras de um conhecimento autorreferencial baseado no dia a dia que o centro não reconhece, mas que favorece a visibilidade de multidões não binárias mantidas na dispersão e anonimato.

Se, outrora, o termo *queer* não passava de uma ofensa direcionada às pessoas não hetero, hoje, graças à apropriação por parte de pessoas não binárias e de teóricos das mais diversas áreas de conhecimento, ampliou seu campo semântico e, de fato, o *queer* continua a desafiar os limites linguísticos impostos pelo processo de significação oficial.



Tendo conseguido identificar que o pioneirismo de Anzaldúa consiste na tentativa de fazer do lugar de fronteira um espaço aberto para as multidões não binárias nos leva a entender que a obra anzalduana tem favorecido aprofundamentos importantes do *queer* que hoje, basicamente, consiste em juntar forças e potencialidades humanas colocadas à margem.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

_____. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n. 43, julho-dezembro, pp. 441-474, 2014.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. (1967). Trad. Marques. M. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LIMA, C.; AVILA, E. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o feminismo da diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n. 3, pp. 691-703, setembro-dezembro. 2005.

LAU, D.; BORBA, R. Conhecendo a linguística queer: entrevista com Rodrigo Borba. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 8 –19, 2019.

MELO, G. de; MOITA LOPES, L. P. da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis) curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set/dez. 2014.

REICH, W. **Revolução sexual**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

SILVA, F. **A multiplicidade do sujeito de fronteira**: as feridas abertas nas narrativas *Borderlands/La frontera*, de Gloria Anzaldúa, e *dois irmãos*, de Milton Hatoum. Dissertação de Mestrado em Teoria Crítica e Comparatismo. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio grande do Sul - UFRGS. 108f. Porto Alegre: 2017.

Título em inglês:

**MESTIZAJE IN ANZALDUANA WRITING: THE QUEER
FRONTIER EFFORT**